

Prefácio

Nos dias de hoje, Winnicott se tornou um autor conhecido. O seu pensamento não apenas inspirou a criação de instituições psicanalíticas dedicadas ao seu estudo e transmissão como penetrou nas universidades, tanto no Brasil como no exterior. Por isso, observa-se a tendência de os pesquisadores muitas vezes retomarem os temas já tratados anteriormente a fim de aprofundá-los ou dar-lhes nova roupagem, quando não fazem – mais preocupados em ir falando do que em dizer algo de novo – simples retoques retóricos dos lugares-comuns aos quais o pensamento de Winnicott é ainda tão frequentemente reduzido. A autora do presente livro não cedeu a esse tipo de facilidade.

Seu propósito de penetrar em áreas ainda não exploradas da imensa obra de Winnicott revela-se já na escolha do tema: o medo. Tradicionalmente, tanto em Freud como em Klein, a psicanálise punha ênfase na angústia, a começar pela forma paradigmática dessa modalidade de “afeto”: a angústia de castração. Danit percebeu o que há de novo em Winnicott: o “sentimento” de medo não é um fenômeno relacionado a certos problemas relativos ao desenvolvimento da sexualidade humana (as “fobias”) e à clínica respectiva dos mesmos, mas ocupa um lugar estratégico no processo de amadurecimento, considerado no seu todo, e no seu tratamento. Ela valeu-se desse resultado para mostrar ainda que, nesse novo contexto teórico, o paradigma das angústias não é inspirado pela ameaça da perda da capacidade genital – considerada pelos freudianos como a mais apreciada entre todas as outras, dando origem a um afeto perfeitamente pensável e, por isso mesmo, interpretável verbalmente –, mas pelos efeitos das intrusões ambientais que ameaçam a própria capacidade de existir e de se relacionar com o quer que seja. Essa capacidade

é reconhecida, numa mudança radical da teoria freudiana, como condição de todas as outras capacidades e como objeto principal do cuidado de si. O que está em jogo na vida humana, dirá Winnicott, pensando as coisas nessa perspectiva, é muito mais poder ser e ir sendo do que poder fazer ou ir fazendo sexo.

O tema do medo, que tirou da sombra e colocou no centro do seu estudo, é trabalhado no interior da teoria do amadurecimento de Winnicott, já amplamente articulada pela Escola Winnicottiana de São Paulo. Esse quadro é assumido explicitamente e em primeira pessoa. Considerado sob esse aspecto, o presente livro apresenta uma segunda originalidade: ele é elaborado numa perspectiva reconhecidamente brasileira sobre a totalidade da obra de Winnicott, rompendo com a tradicional tendência de muitos pesquisadores nacionais de se limitarem a fazer comentários sobre comentários já feitos previamente no exterior. Dessa forma, esse trabalho insere-se numa série de tentativas do mesmo tipo que emergiram não só na Escola Winnicottiana de São Paulo, mas também em outros grupos de pesquisadores, que romperam com o que no passado chamei de “colonialismo internalizado” ainda presente, embora em grau cada vez menor, em várias áreas da ciência, na mídia e na cultura brasileira em geral.

Assumindo a teoria do amadurecimento, o livro apresenta uma terceira originalidade: faz um esforço detalhado e preciso em explicitar os sentidos que o conceito winnicottiano de medo possui nos sucessivos estágios do amadurecimento. Como todos os outros fenômenos tratados pela psicanálise winnicottiana, o de medo muda com o tempo, sua tonalidade afetiva varia com a passagem de um estágio maturacional para outro. O leitor encontrará aqui uma exemplificação clara de mais uma mudança introduzida por Winnicott no modo de teorização característico da psicanálise freudiana. Ele abandona a perspectiva tradicional, que pode ser chamada de estruturalista – por privilegiar funções e estados de um aparelho psíquico ainda que em processo de constituição –,

Prefácio

para um modo de teorização que vários entre nós chamamos de “acontecencial” – por considerar o ser humano não como realização de uma estrutura no tempo objetivo, mas como amostra no tempo, tanto subjetivo como objetivo, da natureza humana, cuja principal riqueza é um potencial de relacionamento e de integração criativos.

Não posso deixar de mencionar um quarto mérito do trabalho de Danit que merece destaque: o de oferecer ao leitor um índice remissivo de casos clínicos de Winnicott, nos quais o medo ou sentimentos afins estão presentes. De ajuda significativa para todos que se debruçam sobre os textos de Winnicott, esse índice, elaborado à luz da teoria winnicottiana do amadurecimento e dos estágios do amadurecimento, aponta para uma tarefa ainda maior não cumprida até hoje pela pesquisa winnicottiana: a de explicitar e analisar os significados dos termos e das expressões do léxico winnicottiano na sua totalidade, de forma claramente articulada e levando em conta seu desenvolvimento histórico.

Zeljko Loparic